

Arruda nega qualquer envolvimento

Denise Rothenburg
Da equipe do Correio

O senador José Roberto Arruda (PSDB-DF) não deixará barato: “O ônus da prova é de quem acusa”, diz ele, desafiando quem quer que seja a comprovar que ele pediu a lista com o voto de cada senador no processo de cassação do ex-senador Luiz Estevão (PMDB-DF). Ele está atônito: diz que se sente como um morador de Copacabana, entre as favelas controladas por traficantes rivais, e que acabou atingido “por uma bala perdida”, no meio de tiroteio. No caso, a guerra aberta entre o presidente do Senado, Jader Barbalho (PMDB-PA), e seu antecessor, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA).

Arruda passou a tarde e a noite negando qualquer vinculação com o caso: “Há duas semanas venho sendo açoitado por informações de que houve a violação do painel eletrônico e que estava entre os senadores que teriam solicitado esse gesto do Prodasen (Serviço de Processamento de Dados do Senado). Antonio Carlos Magalhães nunca falou comigo sobre isso. Nunca vi lista, nunca fui informado de lista. Conheço dona Regina (Borges, ex-diretora do Prodasen). Não fui procurado por ela para falar deste assunto”, disse ele, num irado discurso.

Ao *Correio Braziliense*, o senador admitiu que conversava muito com Regina: “Estivemos juntos umas 500 vezes, é exagero, mas nunca falamos sobre o painel, nunca fiz pedido nenhum. Ela me procurou naquela época para pedir apoio ao Interlegis (rede de computadores dos Legislativos). Só. Depois, conversávamos sobre computadores para o meu gabinete, assuntos do dia-a-dia, jamais sobre uma coisa dessas”, disse Arruda, chocado. “Meu espanto é essa pessoa falar um

monte de bobagens e ficar como fato consumado”, concluiu.

Arruda considerou o depoimento de Regina um tanto surreal: “Ela primeiro diz que esteve na minha casa tratando deste assunto, o que é mentira. Depois, entrega a tal a lista a um assessor. Ora, se fosse um pedido pessoal, ela teria entregue diretamente a mim. Depois, disse que havia me informado que não seria possível mudar o sistema, mas mudou. E, por último, diz que recebeu um telefonema do ACM e não meu, que, segundo ela teria feito o pedido. É esquisito”, afirmou.

“EU NÃO FUI”

O senador promete ainda ajudar no que for possível para a conclusão das investigações e trata de desvincular qualquer atitude relacionada a esse caso com o fato de ser líder do governo: “É um episódio restrito ao Senado. O que se sabe é que funcionários tiveram acesso à lista. Resta saber se foi por iniciativa própria ou a serviço de quem. Eu garanto: eu não fui. E quem foi é o que vamos tentar descobrir”, disse ele.

A alguns amigos da sua estrita confiança, Arruda chegou a comentar que o caso poderia ter sido arranjado para criar uma cortina de fumaça sobre os escândalos da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) que deixam na berlinda o presidente do Senado, Jader Barbalho. E, como era sempre chamado ao gabinete de ACM, na época em que o senador baiano presidia o Senado, pode ter sido atingido.

Independente de cortina de fumaça, o fato é que Arruda deve ser chamado ao Conselho de Ética a prestar depoimento, conforme já antecipou o presidente do Conselho, Ramez Tebet (PMDB-MS). Os próximos dias, certamente, não serão de calmaria, nem para Arruda, nem para ACM.

Fotos: Ronaldo de Oliveira



ARRUDA: “ELA (REGINA BORGES) DIZ QUE ESTEVE NA MINHA CASA TRATANDO DESTE ASSUNTO, O QUE É MENTIRA”